



FICHA TÉCNICA

Título da publicação:

EDUCAÇÃO E MATEMÁTICA
N.º 5, 1.º trimestre de 1988

Directora: Leonor Moreira

Redacção

Eduardo Veloso
Henrique M. Guimarães
José Manuel Duarte
Paulo Abrantes

Colaboraram neste número:

Adelina Precatado, Ana Baltazar
António Bernardes, Ana Maria
Lopes, Cristina Loureiro, Helena
Pato, Hélia Correia, Henrique
Guimarães, João Filipe Matos,
José Manuel Duarte, Leonor
Moreira, Luís Lopo, Lurdes
Serrazina, Margarida Silva, Maria
do Rosário Costa, Paulo Abrantes

Entidade proprietária:

Associação de Professores de
Matemática

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 1500 exemplares

Fotocomposição: Textype - Artes
Gráficas, Lda.

Montagem e fotolito:

Execução e oferta da Texto
Editora, Lda.

Impressão: Costa e Valério

N.º de Registo: 112807

Correspondência:

Associação de Professores de
Matemática
a/c de Leonor Moreira
Av. 24 de Julho, 134, 4.º
1300 LISBOA

NOTA: Os artigos assinados são da
responsabilidade dos seus autores,
não reflectindo necessariamente os
pontos de vista da Redacção da Re-
vista.

Este é o Primeiro Ano do Resto da Nossa Vida

Fazer propostas de reforma do sistema educativo sem pensar nos recursos materiais e humanos necessários à sua implementação, sem pensar nas condições de trabalho de todos os que forem chamados a participar, é criar falsas esperanças, é mobilizar esforços inúteis, é apostar no fracasso.

Pensar na promoção do sucesso escolar, sem cuidar do estado físico e psíquico daqueles que se espera sejam bem sucedidos, sem cuidar da sua integração na escola e na sociedade, é ignorância.

Não esqueceram tais coisas os elementos da Comissão de Reforma do Sistema Educativo. Curiosamente, esqueceram a reforma! A reforma que todos nós — professores, pais e alunos — esperávamos. Porque o insucesso educativo não se explica, apenas, pela fome, pelo frio, por um ambiente familiar deteriorado ou por um qualquer atraso no desenvolvimento do jovem aluno. O insucesso passa, também e sobretudo, pelo desinteresse pelas matérias escolares, pelo tédio que se vive na sala de aula, pelo carácter alienante com que se luta pela nota que abre as portas da Universidade. Sem falar, já, do outro tipo de insucesso que tem a ver com a profissão que se é obrigado a *escolher* e a carregar pela vida fora.

O paradigma da *escola cultural*, de que tanto se esperava, é, afinal, um projecto ambíguo. Define-se por contradição ao modelo de escola curricular, mas justapõe-se-lhe. Critica os seus objectivos, mas engloba-os. Considera-a lugar de constrangimento, mas preserva-a.

Ora, não será o constrangimento impeditivo de sucesso? A *atitude de receptividade do saber*, associada nos documentos preparatórios, à escola curricular não será responsável por um certo enciclopedismo estéril ou, até mesmo, por uma regressão ao analfabetismo? Não serão os objectivos da escola curricular, eles mesmo, factor de insucesso? Não se estará, no dealbar do século XXI, a preservar saberes, mas, sobretudo, procedimentos e técnicas, de pouca utilidade para o cidadão interveniente, de interesse nulo para o aluno que se deseja aprendiz permanente?

É evidente que, neste último ponto, nos estamos a referir ao que sobre a Matemática é dito; que é pouco, mas, por isso mesmo, assustador. Outros artigos tratarão esta questão em mais detalhe. Por agora, um grito de alerta:

- que *nenhum educador digno desse nome* deixe passar este ano, sem reflectir sobre estas questões;
- que *nenhum educador digno desse nome* deixe passar uma reforma que se caracteriza por uma certa indefinição, uma grande incoerência, uma visão, em muitos aspectos, ultrapassada, da Escola do ano 2000.

«Se 1987/88 for bem aproveitado para preparar 1988/89, este pode ser um Ano Novo na educação portuguesa.»¹

¹ In Documentos Preparatórios, Comissão de Reforma do Sistema Educativo.